




Bioética em tempos de crise e incertezas: o que temos aprendido sobre solidariedade com a pandemia global?


Bioethics in Times of Crisis and Uncertainties: What Have We Learned about Solidarity in a Global Pandemic?

Autoras


Thalita da Rocha Bastos

Universidade do Estado do Pará
E-mail: thalitarocha08@hotmail.com
 <https://orcid.org/0000-0003-4530-609X>

Letícia Fonseca Macedo

Universidade do Estado do Pará
E-mail: leticiafm@live.com
 <https://orcid.org/0000-0002-3967-0226>


Larissa da Silva Cambraia

E-mail: larissascambracia@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0003-2336-0300>

Thaisy Luane Gomes Pereira Braga

E-mail: thaisy.luane@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0003-0300-2696>

Ana Cristina Vidigal Soeiro

Universidade do Estado do Pará
E-mail: acsoeiro1@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-1669-3839>



Resumo

A pandemia causada pelo novo coronavírus intensificou debates acerca do direito à vida e à saúde, descortinando desigualdades e denunciando a carência de recursos e de direitos sociais básicos. O artigo pretende estimular a reflexão bioética sobre a atual pandemia, tendo como eixo de discussão o tema da solidariedade. Trata-se de uma revisão narrativa com acesso às principais bases de dados. Os achados apontam que em meio aos tempos de crise e incerteza, a solidariedade desponta como um princípio ético com potencial de intensificar a ajuda humanitária e as redes de apoio, no enfrentamento das vulnerabilidades.

Abstract

The pandemic caused by the new coronavirus intensified debates about the right to life and health, revealing inequalities and denouncing the lack of resources and basic social rights. The article intends to stimulate bioethical reflection on the current pandemic, with the theme of solidarity as an axis of discussion. This is a narrative review with access to the main databases. The findings show that in the midst of times of crisis and uncertainty, solidarity emerges as an ethical principle with the potential to intensify humanitarian aid and support networks, in addressing vulnerabilities.

Key words

Coronavírus; bioética; solidariedade; COVID-19.

Coronavirus; bioethics; solidarity; COVID-19.

Fechas

Recibido: 10/06/2020. Aceptado: 21/12/2020



1. Introdução

Quando o ser humano aprender a respeitar até o menor ser da criação, seja animal ou vegetal, ninguém precisará ensiná-lo a amar seu semelhante. A grande tragédia da vida é o que morre dentro do homem enquanto ele vive.

Albert Schweitzer (1875-1965)

Ao longo da história da humanidade, e em vários aspectos, o desenvolvimento científico e tecnológico tornou possível a dominação do homem sobre a natureza. Em que pesem as grandes catástrofes naturais que revelam movimentos espontâneos do planeta enquanto organismo vivo, cada vez mais o homem se tornou capaz de intervir na natureza e no meio ambiente. Entretanto, nem sempre essa convivência ocorreu de forma respeitosa e harmônica; o homem promoveu grandes modificações, muitas das quais empreendidas sem considerar as consequências sobre as futuras gerações.

Nos tempos atuais, temos aprendido que os vírus são capazes de nos ensinar mais do que poderíamos imaginar através de nossas pesquisas biomédicas de laboratório

O artigo 17 da *Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos* postula que a humanidade tem o dever de proteger o meio ambiente, a biosfera e a biodiversidade, a fim de garantir sua própria dignidade e direitos (Carvalho & Ferreira, 2019). Nes-

se ínterim, o cuidado com o meio ambiente e com as pessoas é necessário, não só para a proteção das gerações futuras, mas também para o bem estar e a sobrevivência das sociedades contemporâneas. Mas como sobreviver em meio ao crescente individualismo que caracteriza as sociedades hodiernas?

Nos tempos atuais, temos aprendido que os vírus são capazes de nos ensinar mais do que poderíamos imaginar através de nossas pesquisas biomédicas de laboratório. A crise sanitária mundial provocada pela disseminação do novo coronavírus, revelou a necessidade de unir esforços globais visando à convivência pacífica e à ajuda solidária, em especial às populações mais marginalizadas. Em um terreno árido, desconhecido e incerto, cuidar das pessoas se tornou sinônimo de cuidar da vida, em um sentido bem mais coletivo do que estávamos acostumados a pensar.

A pandemia tem nos ensinado que precisamos ter um olhar para a dimensão global da vida e analisar a qualidade das relações humanas estabelecidas (Barros, 2020). Talvez em nenhuma época tenhamos tido que lidar tanto com o desconhecido e com a imprevisibilidade dos acontecimentos, uma dura realidade a qual todos os países, desenvolvidos ou não, estão fadados a enfrentar em direção ao futuro.

Em meio a tantos desafios éticos e decisões difíceis, a vulnerabilidade de muitos grupos sociais se revelou nas condições de vida, expondo problemas persistentes em vários países. Não se trata somente de prevenir que as pessoas adoçam, mas também de criar condições para que elas sobrevivam, em meio ao caos instalado em diversos setores da saúde. Faltam insumos, faltam recursos, faltam profissionais, e sobretudo, falta comida, abrigo e dinheiro, e em muitos lares, falta esperança.



Na sociedade brasileira moderna, marcada pelo individualismo e pelas desigualdades sociais, o isolamento dos grupos mais abastados da sociedade em “pequenas ilhas de prosperidade”, contrasta com as privações e os graves problemas enfrentados pelos segmentos sociais desfavorecidos (Rego & Palácios, 2020). Alguns indivíduos enfrentarão a passagem do tsunami da epidemia de forma menos dramática, outros, mesmo tendo sobrevivido, sofrerão os desfechos imponderáveis em suas já precarizadas condições de vida.

Estamos tendo que aprender a conviver com a insegurança e o medo, uma tarefa árdua para aqueles que na linha de frente dos serviços, alguns dos quais sem condições de cuidar de si e dos outros

Ao lado da crise sanitária, a pobreza e a queda brusca de renda somam-se à falta de perspectiva, apontando um futuro que corrobora com a marginalização dos mais pobres, herança da negligência de governos internacionais e locais, e da própria sociedade. Segundo previsões da Organização Internacional do Trabalho (OIT), devido ao impacto da pandemia no crescimento econômico, o desemprego global aumentará entre 5,3 milhões e 24,7 milhões (Forbes, 2020). A despeito das expectativas de vacinas contra o vírus, as pessoas ainda enfrentarão o desafio de sobreviver às consequências socioeconômicas da pandemia em suas vidas, o que demandará esforços coletivos e solidários da sociedade.

Em 30 de janeiro de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou o surto de coronavírus como uma emergência de saúde pública internacional, não havia terapêutica específica ou vacinas capazes de impedir o aumento dos casos. Os instrumentos disponíveis para controlar o cenário de pandemia foram principalmente o isolamento, a quarentena, o distanciamento social e a contenção comunitária (Batista, 2020). No Brasil, todos os Estados e municípios adotaram medidas restritivas, como forma de diminuir a curva de crescimento dos casos de infecção. Entretanto, a verdade a ser dita é que não nos preparamos para tal evento e agora temos que enfrentar os efeitos da falta de preparo e investimento em áreas prioritárias.

Nesse panorama, o medo extremo e a incerteza em relação ao futuro elevaram os níveis de ansiedade e potencializaram as reações ao estresse (insônia, raiva, medo do adoecimento), diante de um futuro incógnito. Para aqueles mais fragilizados emocionalmente, os reflexos da pandemia se expressaram por meio da intensificação de sintomas psicossomáticos, fruto das preocupações e sentimentos em relação ao vírus e ao dramático aumento do número de mortes em todo o país. Mesmo possuindo tecnologia, a realidade refletia a escassez de equipamentos, resultando em outro problema ético, em um ambiente que mais parecia um leilão de mercadorias superfaturadas.

A vulnerabilidade diante do vírus também se revelou no agravamento das condições de saúde mental de muitos indivíduos, e mesmo com as inúmeras iniciativas solidárias, mensagens e suporte psicológico *online*, as pessoas não se mostraram imunes ao receio do desconhecido. Estamos tendo que aprender a conviver com a insegurança e o medo, uma tarefa árdua para aqueles que na linha de frente dos serviços, alguns dos quais sem condições de cuidar de si e dos outros. Mas as consequências dessa experiência ainda não são conhecidas, só o tempo revelará, uma pergunta para a qual ainda não temos resposta.



Contrastando com a cruel realidade da pandemia, estamos assistindo a um momento da humanidade em que a solidariedade encontra espaço em meio à dor e angústia, e muitos utilizam a empatia e compaixão para amparar as pessoas mais vulneráveis. Apesar dos embates e interesses, inclusive políticos, a solidariedade desponta como uma estratégia de sobrevivência global e individual, assumindo a imperiosa tarefa de despertar em cada um de nós, o que temos de melhor enquanto seres humanos. Em que pese a coexistência de motivações econômicas e as atitudes em benefício próprio, a humanidade vem assistindo um positivo movimento em contraste à negação, egoísmo e insensibilidade de muitos.

A solidariedade não substitui a necessidade de proteção dos direitos individuais, mas se faz presente nas obrigações e responsabilidades que todos nós temos em relação aos outros, particularmente com aquelas pessoas que, destituídas de condições mínimas e dignas de vida, necessitam do apoio e cuidado da sociedade

Exemplos na mídia, a exemplo do Jornal Folha de S. Paulo do dia 20 de março de 2020, retrataram o apoio de “desconhecidos” às pessoas necessitadas, como as do chamado “grupo de risco”, a exemplo dos idosos que, sem poder transitar em supermercados e farmácias, receberam ajuda de vizinhos ou familiares (Maia, 2020). Além disso, a solidariedade encontrou expressão na arrecadação de fundos por meio das “lives” musicais, na oferta de alimentos, na doação de máscaras e equipamentos de proteção individual (EPI), na organização de campanhas, e no apoio às pessoas em situação de rua, dentre tantos outros exemplos de nosso cotidiano.

No âmbito da bioética, a solidariedade revela-se pelo reconhecimento de que precisamos uns dos outros, e na saúde pública, não teremos chances de enfrentar a pandemia se não trabalharmos como um coletivo. A solidariedade não substitui a necessidade de proteção dos direitos individuais, mas se faz presente nas obrigações e responsabilidades que todos nós temos em relação aos outros, particularmente com aquelas pessoas que, destituídas

de condições mínimas e dignas de vida, necessitam do apoio e cuidado da sociedade. Nessa perspectiva, a solidariedade está comprometida com a busca da cidadania e dos direitos fundamentais da vida, dentre estes, o direito à vida (Pessini, 2017).

Em meio a tantas mudanças e incertezas, muitos conseguiram se colocar no lugar do outro e ajudar, não apenas com doações de produtos básicos, mas também respeitando as normas impostas. Isso perpassa por um conceito bem mais amplo: a solidariedade. Ao colocar o bem comum acima das necessidades ou prazeres individuais, estamos diante não só da empatia, mas também de um ato solidário que pode alterar o curso da pandemia, em especial porque permite a criação de uma rede de promoção de saúde (Batista, 2020).

Em se tratando de um cenário de inúmeras perguntas e incertezas, o presente artigo tem o objetivo de suscitar reflexões sobre os aprendizados trazidos pela pandemia, adotando como objeto de discussão o tema da solidariedade e sua importância no atual contexto sanitário brasileiro. Explorar os desafios atuais a partir desse enfoque nos parece um interessante caminho para tecer algumas considerações sobre a pandemia, a partir das contribuições e ofertas da bioética. Trata-se de um empreendimento possivelmente limitado, diante da intensidade do momento e das diferentes implica-



ções que ele nos traz. No entanto, que seja um caminho para pensar a importância da solidariedade em tempos difíceis, um legado para que também as próximas gerações possam aprender com nossa experiência, na esperança por dias melhores.

2. Método

Trata-se de uma revisão narrativa, realizada por meio de pesquisa bibliográfica, através do acesso a livros, artigos e trabalhos científicos, nas bases de dados Scielo, MEDLINE/Pubmed e Lilacs com os seguintes descritores: Bioética, Coronavírus, Solidariedade, Pandemia, COVID-19. Foram selecionados trabalhos com data de publicação dos últimos 15 anos, os quais possuem grande relevância para a fundamentação do referencial adotado no presente estudo.

3. Resultados e discussão

A bioética proposta por Potter, na década de 1970, revela que a bioética não é apenas uma ética para as ciências médicas, mas uma concepção muito mais ampla e abrangente, a qual engloba a dimensão ecológica da vida de todos os seres vivos (Zanella, Sganzerla, & Pessini, 2019). Em seu primeiro livro sobre o tema, *Bioética: Ponte para o Futuro*, Potter apontou preocupações éticas com diferentes dimensões da vida, incluindo a ecologia. A partir de uma visão mais holística do mundo, concebeu o ser humano como elemento integrante do meio ambiente, em uma inquestionável defesa a favor de uma percepção menos antropocêntrica e mais integral das ações humanas, visando ao desenvolvimento e à sobrevivência da civilização de forma equilibrada (Cunha, 2017).

A solidariedade desponta como uma diretriz ética e uma atitude imprescindível para a sobrevivência humana, em um cenário de crise e incertezas

Ao empregarmos a concepção de “ponte”, proposta por Potter, nos deparamos com as várias questões éticas suscitadas pela propagação do novo coronavírus. Nesse sentido, a solidariedade desponta como uma diretriz ética e uma atitude imprescindível para a sobrevivência humana, em um cenário de crise e incertezas, que clama por responsabilidade e compromisso com a defesa da vida humana.

A Bioética de Proteção (BP) surgiu no Brasil com o objetivo de problematizar as políticas públicas de saúde a partir da adaptação da bioética tradicional e é uma abordagem relevante para analisar a moralidade das práticas sanitárias e seus efeitos quanto à eficácia e efetividade das medidas adotadas. No que concerne à saúde coletiva, a BP aponta a necessidade de que as medidas sanitárias ocorram em consonância com as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), quanto ao acesso integral e universal para os cidadãos (Schramm, 2017).

A proteção opera de maneira efetiva por meio do acompanhamento dos resultados originados das políticas públicas, sendo considerada, então, a eficácia das ações e o seu



impacto na vida dos cidadãos. Vale ressaltar que, em situações de epidemia, o objetivo é proteger o “corpo social” como um todo, e não os indivíduos sob uma perspectiva individualista (Schramm, 2017). Assim, as ações devem estar voltadas para uma meta coletiva, o que requer o resgate da saúde em sua dimensão social. Analisar a solidariedade sob esse prisma permite que a vislumbremos como uma ação que se sustenta no reconhecimento das diferenças, mas também no esforço para mitigar as distâncias sócio-econômicas e culturais que caracterizam o mosaico populacional dos diferentes países.

Vislumbremos a solidariedade como uma ação que se sustenta no reconhecimento das diferenças, mas também no esforço para mitigar as distâncias sócio-econômicas e culturais

A partir de experiências com pandemias passadas, a ação coletiva nos níveis regional, nacional, e global, apoiada por forte vontade política e recursos suficientes, é a melhor maneira de aprimorar a preparação para uma pandemia e lidar com o que não é apenas uma saúde, mas uma questão de segurança global muito mais ampla. Entretanto, vivendo o forte apelo da lógica de mercado, precisamos nos dar conta que não podemos agir sozinhos e isoladamente, e que necessitamos aprender e ajudar

uns aos outros. Possivelmente, não há precedentes prévios na história humana com tamanho impacto, pois os efeitos da pandemia se espalham a nível global, embora com particularidades a agravos locais.

O aviso profético do Prêmio Nobel Joshua Lederberg que “A guerra entre os seres humanos e os micróbios continua dia a dia e não está claro quem vai ser o ganhador”, mais uma vez comprovou sua relevância com o surgimento do novo coronavírus (Herrera, 2020). O vírus se infiltrou em nossas vidas como uma ameaça real e potencial, demonstrando nossas fragilidades, mas também nossas possibilidades. Infelizmente, ele também descortinou a desigualdade social e econômica que constitui a aldeia global. Na realidade brasileira, a pandemia nos despertou para a necessidade de sensibilizar o olhar para tais discrepâncias e iniquidades, naturalizadas no legado histórico de nosso país.

4. O contexto histórico de disseminação do novo coronavírus: o que já sabemos sobre a pandemia?

A pandemia de COVID-19 chegou como um vulcão em erupção na cidade de Wuhan, República Popular da China, em dezembro de 2019. Em 29 de fevereiro de 2020, um total de 85.403 casos confirmados e 2.838 mortes ocorreram concomitante à disseminação geográfica, com alta mortalidade e perdas econômicas devido ao vírus (Chatterjee et al., 2020).

No início de abril de 2020, mais de um milhão de infectados e 53.000 mortes foram notificadas no mundo devido ao novo coronavírus, cujo número de casos e de óbitos configura-se como um gráfico com crescimento exponencial no panorama mundial (El País, 2020). No dia 08 de abril de 2020, foram confirmados 1.353.361 casos de COVID-19 (73.639 novos em relação ao dia anterior) e 79.235 mortes no mundo (Organização Pan-Americana da Saúde, 2020).



No Brasil, o primeiro caso ocorreu no dia 26 de fevereiro de 2020, atingindo mil casos em apenas 24 dias, com o primeiro óbito registrado no dia 17 de março do mesmo ano. No dia 11 de abril de 2020, o país apresentou mais de 20 mil casos e mais de mil óbitos, portanto, com elevação do nível de letalidade da doença no país ascendendo para 5,5 % (Ministério da Saúde, 2020). Com o foco no estado de São Paulo, que lidera na quantidade de casos da doença, o COVID-19 se manifestou em todos os estados do país.

O vírus, cujo gênero é o betacoronavírus da subfamília Orthocoronavirinae, possui origem zoonótica, assim como o SARS-CoV e MERS-CoV, sendo o único com potencial pandêmico. Alguns estudos sugerem que o morcego seja um dos hospedeiros desse vírus, porém animais silvestres ainda não foram descartados como possíveis reservatórios naturais da moléstia (Wu et al., 2020; Mackenzie & Smith, 2020).

Como apontado em muitos estudos, indivíduos idosos e aqueles com doença clínica pré-existente, como diabetes, doença cardiovascular e doenças respiratórias crônicas, são considerados grupos de risco

A condição decorrente da evolução do vírus no organismo humano foi denominada pelo Comitê Internacional para a Taxonomia de Vírus como SARS-CoV-2, enquanto que a Organização Mundial de Saúde adotou o termo COVID-19 (Mackenzie & Smith, 2020). A transmissão da doença ocorre entre humanos através de gotículas ou, em menor grau, via aerossóis, acometendo o trato respiratório do indivíduo, gerando inflamação e danos pulmonares extensos, associados ao aumento de citocinas pró-inflamatórias. No entanto, a fisiopatologia da doença ainda requer

mais estudos para ser compreendida (Huang et al., 2020). Ademais, como SARS-CoV e MERS-CoV podem infectar o trato gastrointestinal humano, foi sugerido que a disseminação fecal-oral pode ocorrer para SARS-CoV-2.

As principais manifestações clínicas são febre, tosse seca, fadiga, mialgia e dispneia. Como manifestações menos frequentes têm-se tosse produtiva, dor de cabeça, diarreia, náusea, tontura e vômito. Os dados atualmente disponíveis indicam sintomas leves em quase 80% dos indivíduos infectados. Entretanto, muitas pessoas seguem assintomáticas, mesmo infectadas pelo COVID-19, o que representa um maior risco de transmissão da doença (Chan et al., 2020; Mackenzie & Smith, 2020).

Como apontado em muitos estudos, indivíduos idosos e aqueles com doença clínica pré-existente, como diabetes, doença cardiovascular e doenças respiratórias crônicas, são considerados grupos de risco, uma vez que possuem maior probabilidade de desenvolver a forma grave da doença e de evoluir a óbito (Mackenzie & Smith, 2020). No entanto, ainda são necessários mais estudos detalhados para entender todo o espectro de doenças causadas por esse vírus, sua patogenicidade e morbidade em longo prazo.

Dessa maneira, como forma de garantir o controle da epidemia, é de extrema importância que haja a máxima transparência quanto ao atual cenário global. A partir disso, podem ser realizadas intervenções apropriadas pelos agentes de saúde e a população pode ser corretamente instruída e conscientizada quanto ao seu papel na sociedade (Lei & Qui, 2020).

Como resposta internacional da saúde pública ao COVID-19, medidas de isolamento social e quarentena têm-se mostrado efetivas em muitos países; como na Austrália, a



qual, até o momento, tem sido moderadamente bem-sucedida na limitação do número de cadeias de transmissão, mediante a implantação da quarentena para a população (Mackenzie & Smith, 2020).

A pandemia se mostra um desafio ainda maior para o Brasil, resultado também da grave condição de desigualdade social

Com o crescimento dos casos de coronavírus, estados da região norte e alguns da região nordeste anunciavam o fechamento das portas de unidades de pronto atendimento (UPA) e hospitais públicos de referência causados pela falta de leitos (Ogawa, 2020). Profissionais adoecidos, escassez de leitos, falta de respiradores, desabastecimento de medicamentos. A pandemia, que tem exigido um enorme esforço das autoridades públicas, em âmbito mundial, se mostra um desafio ainda maior para o Brasil, resultado também da grave condição de desigualdade so-

cial, com um grande número de indivíduos em condições precárias de habitação e alto número de doentes crônicos no país (Barreto et al., 2020; Alonso et al., 2020).

Em contraste, e mesmo diante das várias dificuldades enfrentadas na atenção em saúde, incluindo a reduzida capacidade de atendimento em relação ao massacre pela demanda dos casos, mais uma vez fomos testemunhas do valor de termos um sistema único e universal de saúde. Outra importante lição do vírus para aqueles que, há bem pouco tempo, pareciam não reconhecer sua importância.

5. A solidariedade em tempos de pandemia: um aprendizado em andamento

O isolamento social e as medidas de controle impostas à população progressivamente foram adotadas como uma estratégia de enfrentamento à pandemia. Na China, quando foi constatado o alto poder de contágio da doença, medidas de controle sanitário foram acentuadas, inclusive, com a realização obrigatória de exames em pessoas que apresentassem sintomas.

Embora as medidas de restrição e isolamento social impliquem na redução da autonomia, elas são necessárias e devem ser propostas de maneira cuidadosa e sem vulnerar o direito à dignidade inerente a todo ser humano (Salas, 2020). Dessa maneira, devem ser buscadas por todos, visando não apenas o individual, mas sim o benefício coletivo, o que em si, demanda o exercício da solidariedade (Baxter & Heidinger, 2020).

A solidariedade tem sido uma importante diretriz ética para a humanidade ao longo dos anos, visto que pode ser utilizada para fortalecer a equidade e a justiça, diante das desigualdades enraizadas na organização social de diferentes comunidades. Ela se traduz como potência do coletivo, à medida que estimula a união de pessoas e grupos frente a um problema comum que repercute na engrenagem social. No Brasil, a pandemia afetou de modo distinto os grupos e classes sociais, entretanto, a situação de caos sanitário também estimulou iniciativas que expressam um sentido de unidade, que articula e mobiliza “algo em comum” (Batista, 2020).

No entanto, como manter o senso de coletividade em tempos de pandemia? A solidariedade representa o compromisso coletivo, sendo um princípio natural das espécies,



as quais possuem na intersubjetividade o objetivo de preservar a vida (Silva, 2014). O Dicionário Houaiss define o conceito como “o sentimento de interdependência entre seres e coisas; cooperação mútua entre duas ou mais pessoas; identidade de sentimentos e ideias” (Houaiss, 2010, p. 723).

Reconhecendo a importância do distanciamento físico como principal estratégia de impedir a transmissão da doença, as autoridades de saúde pública recomendaram medidas rigorosas para combater a disseminação do COVID-19. A adesão às recomendações tornou os indivíduos protagonistas não só do seu próprio cuidado, mas também do cuidado com os outros, e essa atitude também é uma expressão de solidariedade. Entretanto, aderir ao distanciamento físico tem sido um grande desafio para muitas pessoas, em especial para quem defende a liberdade e o direito de ir e

vir como um dos motivos para o descumprimento das medidas de isolamento, realidade que demonstra que estamos longe de uma “consciência comum” (Batista, 2020).

Vulnerados pela doença e pelas condições de vida, indivíduos em situação desfavorável acabaram ficando à mercê da própria sorte, e em que pese as iniciativas de ajuda humanitária, elas são insuficientes

Como forma de se manter em meio ao isolamento social, milhares de indivíduos foram aos supermercados, estocaram comidas e remédios, fecharam as portas de suas casas e seguiram as recomendações dos governantes. No entanto, há uma significativa parcela de pessoas que não tiveram essa opção. Vulnerados pela doença e pelas condições de vida, indivíduos em situação desfavorável acabaram ficando à mercê da própria sorte, e em que pese as iniciativas de ajuda humanitária, elas são insuficientes para atender às várias demandas existentes.

A proteção dos indivíduos é responsabilidade do Estado e este deve garantir políticas públicas efetivas, que estejam em acordo com a justiça sanitária (Monteiro, 2019). Mas como alocar os recursos sanitários, quando eles se mostram insuficientes? O quê, quem e como proteger são questões necessárias, mas nem sempre simples de serem resolvidas (Arreguy & Schramm, 2005).

Com o avanço da doença, pessoas vivendo em condições de vulnerabilidade social e pobreza foram ainda mais afetadas, o que motivou ações de apoio comunitário e solidariedade para com os mais necessitados (Flórian, Rodríguez, & Vargas-Chaves, 2020). Pessoas mais jovens se disponibilizavam para fazer compras para indivíduos com risco aumentado, estádios e centros de convenções foram transformados em hospitais de campanha, pessoas se voluntariaram para ações de ajuda humanitária, entre tantos outros exemplos positivos (Maia, 2020).

Em vários estados brasileiros, se intensificaram as parcerias entre entidades públicas e privadas, com oferta de mantimentos e doações monetárias àqueles mais vulneráveis (Linos, 2020). Como destaca Zozani et al., a solidariedade, enquanto valor social, não depende unicamente de uma atitude de empatia ou de compaixão, mas, sim, de uma necessidade inerente ao funcionamento de uma comunidade (Zozani et al., 2020).

Tempos difíceis, mas ainda assim, muitas lições a serem aprendidas e transmitidas às próximas gerações. E assim, conquistamos mais um aprendizado: podemos ser solidários com a dor e o sofrimento alheios, e isso implica em ações concretas.



6. A bioética no contexto da pandemia: o que temos a aprender?

A solidariedade e a cooperação, quando praticadas, protegem as gerações atuais e futuras, na medida em que fortalecem uma visão sistêmica da vida. Barchifontaine e Trindade (2019) afirmam que a “solidariedade” representa respeito à pessoa humana e compreensão da situação vivida por cada indivíduo ou comunidade, no que diz respeito à justiça e à autonomia. Na Constituição Federal de 1988, são abordados os princípios de equidade e solidariedade objetivando-se a construção de uma sociedade livre, justa e solidária, que seja capaz de garantir o desenvolvimento nacional, erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais. O conceito implica, portanto, no enfrentamento das questões sociais que atravessam a vida de muitos indivíduos vulneráveis socialmente (Silva, 2013).

A solidariedade representa a expressão das responsabilidades que todos os indivíduos têm na construção da sobrevivência global. A pandemia trouxe a dor e o sofrimento, mas também fez emergir a solidariedade

No âmbito da bioética, a solidariedade possui uma relevância especial, na medida em que as pessoas estão em constante interação umas com as outras. Nessa perspectiva, a solidariedade representa a expressão das responsabilidades que todos os indivíduos têm na construção da sobrevivência global. A pandemia trouxe a dor e o sofrimento, mas também fez emergir a solidariedade, num profundo resgate da cidadania e valorização dos direitos fundamentais de vida (Pessini, 2017).

Schramm (2006) estabelece uma importante distinção conceitual entre os termos vulnerável e vulnerado. O primeiro representa a característica universal inerente a qualquer organismo, concebida como fragilidade que constitui o humano. Entretanto, ao conceber um indivíduo como vulnerado, o autor reconhece a existência de um dano atual ocasionado pela privação de condições mínimas de vida, o que leva à perda da autonomia individual. Sendo assim, as vulnerações requerem cuidados especiais por instituições sociais organizadas, aumentando o acesso aos serviços sanitários, assistenciais, educacionais, etc., para diminuir e remover danos, a fim de empoderar os desfavorecidos (Morais & Monteiro, 2017).

No atual contexto de emergência de saúde pública mundial, a escassez de leitos, medicamentos e a ausência de um suporte hospitalar capaz de prover assistência a todos que necessitam, colocou muitos estados brasileiros em situação de calamidade pública. De acordo com o último levantamento do Ministério da Saúde, o Brasil conta com 14,8 mil leitos públicos de UTIs adulto, sendo aproximadamente o mesmo quantitativo nos hospitais privados, mas que atendem uma porcentagem menor da população, cerca de 47,03 milhões de pessoas em 2019 (Agência Senado, 2020).

Além disso, segundo Garcia, Bernuci, Marques, Bertolini e T.M.G. Silva (2019) a pobreza – definida como ausência de recursos materiais – e a vulnerabilidade social, andam de mãos dadas. Analisando a perspectiva atual, os grupos com renda mais baixa se mostram mais frágeis e são os primeiros a lutar com a ausência de acesso à rede de saúde pública. Estudos recentes já haviam apontado maior acesso aos serviços de saúde pela população com maior instrução, e por residentes da região Sul e Sudeste



(Stopa et al., 2017). Dessa forma, o acesso à saúde nas regiões menos favorecidas do país, em situação de pandemia, se torna um desafio ainda maior.

As pessoas com dificuldades de acesso ao serviço de saúde público devido à alta demanda são consideradas vulneradas, tendo seus “direitos fundamentais” cerceados, uma vez que a Constituição Brasileira estabelece a saúde como direito social (Campello, Gentil, Rodrigues, & Howell, 2018). O que se observa no cenário atual, é a crise aguda dentro de um problema de saúde crônico que reflete a falta de investimento e o

A bioética oferece importantes princípios capazes de fundamentar políticas públicas, tão importantes no atual panorama mundial

sub-financiamento do Sistema Único de Saúde (SUS). Para mudar essa realidade e proteger a vida, é necessário reconhecer e analisar as assimetrias, por meio de ações governamentais que priorizem a assistência à saúde aos indivíduos menos favorecidos e desprovidos das condições mínimas para cuidarem sozinhos das próprias vidas (Schramm, 2017).

Nessa perspectiva, a solidariedade vincula as ações do Estado, indivíduos, grupos e comunidades, unidas em prol do acesso a direitos fundamentais por parte de toda população, conforme re-

comenda a *Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos* (Barchifontaine & Trindade, 2019). Através desse importante documento, a bioética oferece importantes princípios capazes de fundamentar políticas públicas, tão importantes, principalmente, no atual panorama mundial, diante da ineficiência de muitos serviços de saúde em atender às demandas sanitárias.

7. Conclusão

A solidariedade, evocada socialmente em momentos críticos da pandemia, tem estimulado estratégias que incentivam a superação do egoísmo e do individualismo. A COVID-19 tem demandado à humanidade uma forma radical de viver e de conviver socialmente e, talvez, tais mudanças ecoem através das próximas gerações para sempre (Paraguassu, 2020).

A realidade desigual de muitos países, como o Brasil, foi exposta de maneira alarmante no contexto da atual crise. A solidariedade para com os mais vulneráveis e marginalizados implica em novas atitudes e, dessa maneira, é preciso reinventar-se, em meio aos desafios sociais intensificados pelo novo momento que se impõe.

Os efeitos gerados pela pandemia atual são incomparáveis a qualquer crise sanitária vivenciada nos últimos tempos. O confinamento, o medo do desconhecido, a instabilidade emocional, mas também a fome, o desemprego, a falta de saneamento, demandam ações de solidariedade, apoio e proteção. Trata-se de um esforço conjunto que depende das instituições, mas também da melhoria da qualidade das relações humanas entre as pessoas (Instituto de Letras e Ciências Humanas, 2020).

O enfrentamento da crise trazida pela pandemia demanda um esforço coletivo que requer união e colaboração a nível nacional e internacional. Em meio aos esforços para



conter o avanço da doença, a “soberania nacional” e o individualismo nas decisões de cada nação precisam ser deixados de lado, abrindo espaço para a tomada de decisões solidárias com caráter global. É no espaço do coletivo que a solidariedade se materializa e prospera. E esse talvez seja um dos principais legados que a epidemia nos trará, não só no espaço da vida cotidiana, mas também rumo ao futuro.

Referências

- Alonso, W. J., Schuck-Paim, C., Ribas Freitas, A. R., Kupek, E., Wuerzius, C. R., Negro-Calduch, E., Fernandes, R. M., Cristo, E. B., Veiga, A. B. G., Giglio, R., Abrao, M. S., & Pinheiro, S. F. (2020). Covid-19 em contexto: comparação com a mortalidade mensal por causas respiratórias nos estados brasileiros. *InterAmerican Journal of Medicine and Health*, 3, 1-21. DOI: <https://doi.org/10.31005/iajmh.v3i0.93>
- Arreguy, E. E. M., y Schramm, F. R. (2005, 14 de março). Bioética do Sistema Único de Saúde / SUS: uma análise pela bioética da proteção. *Revista Brasileira de Cancerologia*, 51(2), 117-23. Recuperado de https://rbc.inca.gov.br/site/arquivos/n_51/v02/pdf/artigo3.pdf
- Barchifontaine, C. P., y Trindade, M. A. (2019). Bioética, saúde e realidade brasileira. *Revista Bioética*, 27(3), 439-45. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-80422019273327>
- Barreto, M. L., Barros, A. J. D., Carvalho, M. S., Codeço, C. T., Hallal, P. R. C., Medronho, R. A., Struchiner, C. S., Gomes Victora, C., & Werneck, G.L. (2020). O que é urgente e necessário para subsidiar as políticas de enfrentamento da pandemia de COVID-19 no Brasil? *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23, 1-4. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-549720200032>
- Barros, F. B. (2020). Sobre dor, sofrimento e esperança: o novo coronavírus e a condição humana no antropoceno. *Revista Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia*, 5(1), 1-7. DOI: <https://doi.org/10.22276/ethnoscientia.v5i1.290>
- Batista, G. S. (2020). Entre o distanciamento físico e o lockdown: a solidariedade como práxis em tempos de pandemia. *O que nos faz pensar*, 29(46), 152-162. DOI: <https://doi.org/10.32334/oqnp.2020n46a732>
- Baxter, K., y Heidinger, V. (2020). *The ethical question of autonomy in times of a pandemic*. Montclair State University, New Jersey, United States. Recuperado de https://www.academia.edu/42475351/The_Ethical_Question_of_Autonomy_in_times_of_a_Pandemic
- Campello, T., Gentili, P., Rodrigues, M., y Howell G. R. (2018). Faces da desigualdade no Brasil: um olhar sobre os que ficam para trás. *Saúde Debate*, 42(3), 54-66. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-11042018s305>
- Carvalho, A. A., y Ferreira J. R. (2019). Do presente ao futuro: meio ambiente no contexto bioético. *Revista Bioética*, 27(2), 359-369. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-80422019272320>
- Chan, J. F. W., Yuan, S., Kok, K. H., To, K. K. W., Chu, H., Yang, J.,... Yuen, K. Y. (2020, 15 de fevereiro). A familial cluster of pneumonia associated with the 2019 novel coronavirus indicating person-to-person transmission: a study of a family cluster. *The Lancet*, 395(10223), 514-523. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30154-9](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30154-9)



- Chatterjee, P., Nagi, N., Agarwal, A., Das, B., Banerjee, S., Sarkar, S., Gupta, N., y Gangakhedkar, R. R. (2020). The 2019 novel coronavirus disease (COVID-19) pandemic: A review of the current evidence. *Indian Journal of Medical Research*, 151(2), 147-59. DOI: https://doi.org/10.4103/ijmr.IJMR_519_20
- Cunha, T. R. (2017). Potter VR. Bioética: ponte para o futuro. São Paulo: Edições Loyola; 2016. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(7), 2393-2394. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017227.04462017>
- Dezenas de milhões enfrentam desemprego com escalada da crise do coronavírus. (26 de março de 2020). *Forbes*. Recuperado de <https://forbes.com.br/last/2020/03/dezenas-de-milhoes-enfrentam-desemprego-com-escalada-da-crise-do-coronavirus/>
- Florián, S. T., Rodríguez, C. A. L., y Vargas-Chaves, I. (2020). El derecho ante el Coronavirus Covid-19. Una visión a partir de la biojurídica. *Research Gate*. Recuperado de https://www.researchgate.net/profile/Sergio_Trujillo_Florian/publication/340438626_EL_DERECHO_ANTE_EL_CORONAVIRUS_COVID_19_Una_vision_a_partir_de_la_biojuridica/links/5e8b50f6a6fdcca789fbc7a2/EL-DERECHO-ANTE-EL-CORONAVIRUS-COVID-19-Una-vision-a-partir-de-la-biojuridica.pdf
- Folha informativa – COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus). (2020). Recuperado do site da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS): https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875
- García, L. F., Bernuci, M. P., Marques, A. G., Bertolini, S. M. M., y Silva, T. M. G. (2019). A case study of social vulnerability: thoughts for the promotion of health. *Revista Bioética*, 27(3), 430-38. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-80422019273326>
- Herrera, D. (2020, 28 de marzo). ¿Enfrentar el COVID 19 o aprender de su embate? *Practica Familiar Rural*, 5(1), 2-4. DOI: <https://doi.org/10.23936/pfr.v5i1.149>
- Houaiss, A., Villar, M. S. y Franco, F. M. M. (ed.). (2010). *Houaiss Dicionário da Língua Portuguesa* (1024). Rio de Janeiro, Brasil: Moderna.
- Huang, C., Wang, Y., Li, X., Ren, L., Zhao, J., Hu, Y.,... Cao, B. (2020, 15 de fevereiro). Clinical features of patients infected with 2019 novel coronavirus in Wuhan, China. *The Lancet*, 395(10223), 497-506. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30183-5](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30183-5)
- Instituto de Letras e Ciências Humanas. (março, 2020) *Boletim Informativo*. Universidade do Minho, Braga, Portugal. Recuperado de https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/64804/1/Sylla%20Boletim%20LCHnoticia_5.pdf
- Lei, R., y Qui, R. (31 de janeiro de 2020). Report from China: Ethical Questions on the Response to the Coronavirus. *The Hastings Center*. Recuperado de <https://www.thehastingscenter.org/report-from-china-ethical-questions-on-the-response-to-the-coronavirus/>
- Linos, N. (2020). COVID-19: Finding Comfort in Respecting Rights and Protecting the Most Vulnerable. *Health and Human Rights Journal*. Recuperado de <https://www.hhrjournal.org/2020/03/covid-19-finding-comfort-in-respecting-rights-and-protecting-the-most-vulnerable/>
- Mackenzie, J. S., y Smith, D. W. (2020, 17 de março). COVID-19: a novel zoonotic disease caused by a coronavirus from China: what we know and what we don't. *Microbiology Australia*, 10(1071), 45-50. DOI: <https://doi.org/10.1071/MA20013>



- Maia, D. (2020, 20 de março). Em tempos de coronavírus, cresce solidariedade entre paulistanos; veja histórias. *Folha de S. Paulo*. Recuperado de <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/em-tempos-de-coronavirus-cresce-solidariedade-entre-paulistanos-veja-historias.shtml>
- Monteiro, P. J. C. (2019). *Bioética e saúde pública: justiça e equidade no acesso aos cuidados de saúde*. (Tese de Doutorado). Universidade de Brasília, Brasília, Brasil. Recuperado de https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/36152/1/2019_PI%c3%adnioJos%c3%a9%CavalcanteMonteiro.pdf
- Morais, T. C. A., y Monteiro, P. S. (2017). Conceitos de vulnerabilidade humana e integridade individual para a bioética. *Revista Bioética*, 25(2), 311-319. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-80422017252191>
- Ogawa, V. (2020, 17 de maio). *Macrorregião Norte tem maior taxa de ocupação de leitos de UTI adulto*. Recuperado do site da Folha de Londrina: <https://www.folhadelondrina.com.br/geral/macrorregiao-norte-tem-maior-taxa-de-ocupacao-de-leitos-de-uti-adulto-2991868e.html>
- Painel coronavírus*. (13 de abril de 2020). Recuperado do site do Ministério da Saúde: <https://covid.saude.gov.br/>
- Paraguassu, E. C. (2020). COVID-19, relação direta entre o capital, solidariedade e as vidas. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, 2(3), 1-4. Recuperado de <https://bjih.s.emnuvens.com.br/bjih/article/view/33/49>
- Pessini, L. (2017). Elementos para uma bioética global: solidariedade, vulnerabilidade e precaução. *Thaumazein*, 10(19), 75-85. DOI: <https://doi.org/10.37782/thaumazein.v10i19.1983>
- Rego, S., y Palacios, M. (2020). Algumas lições que já devemos tentar aprender com a pandemia. *Fundação Oswaldo Cruz: uma instituição a serviço da vida*. Recuperado de <https://portal.fiocruz.br/es/documento/artigo-algumas-licoes-que-ja-devemos-tentar-aprender-com-pandemia>
- Salas, S. P. (2020). Aspectos éticos de la epidemia del Coronavirus. *Revista Médica de Chile*, 148(1), 123-129. DOI: <https://doi.org/10.4067/S0034-98872020000100123>
- Schramm, F. R. (2017). A bioética de proteção: uma ferramenta para a avaliação das práticas sanitárias? *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(5), 1531-38. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017225.04532017>
- Schramm, F. R. (outubro, 2006). A saúde é um direito ou um dever? Autocrítica da saúde pública. *Revista Brasileira de Bioética*, 2(2), 187-200. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/rbb/article/view/7969/6541>
- Silva, A. C. M. A. (2013). Princípio constitucional da solidariedade. *Revista de Doutrina da 4ª. Região*, 20(68). Recuperado de https://revistadoutrina.trf4.jus.br/index.htm?https://revistadoutrina.trf4.jus.br/artigos/edicao057/AnaCristina_Silva.html
- Silva, J. M. C. (2014). Bioética: entre la ética del cuidado, la solidaridad y la dignidad. *Revista Latinoamericana de Bioética*, 14(27-2), 6-11. DOI: <https://doi.org/10.18359/rabi.503>
- Stopa, S. R., Malta, D. C., Monteiro, C. N., Szwarcwald, C. L., Goldbaum, M., y Galvão Cesar, C. L. (2017). Acesso e uso de serviços de saúde pela população brasileira, Pesquisa Nacional de Saúde 2013. *Revista de Saúde Pública*, 51, 1s-3s. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1518-8787.2017051000074>
- SUS precisa ser fortalecido, dizem senadores em meio à pandemia. (23 de março de 2020). *Senado Notícias*. Recuperado de <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/03/23/sus-precisa-ser-fortalecido-dizem-senadores-em-meio-a-pandemia>



- Últimas notícias sobre o coronavírus e a crise no Brasil. (2020, 3 de abril). *El País*. Recuperado de <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-04-03/ao-vivo-ultimas-noticias-sobre-o-coronavirus-no-brasil-e-no-mundo.html>
- Wu, F., Zhao, S., Yu, B., Chen, Y.M., Wang, W., Song, Z.G.,... Zhang, Y. Z. (2020, 3 de fevereiro). A new coronavirus associated with human respiratory disease in China. *Nature*, 579, 265-75. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41586-020-2008-3>
- Zanella, D. C., Sganzerla, A., y Pessini, L. (2019, 25 de novembro). A bioética global de V. R. Potter. *Ambiente & Sociedade*, 22 (02081). DOI: <https://doi.org/10.1590/1809-4422asoc20180208r1vu2019l3rs>
- Zozani, M. A., & Hassanipour, S. (2020). Sharing Solidarity Experiences to Overcome COVID-19. *Annals of Global Health*, 86(1), 1-2. DOI: <https://doi.org/10.5334/aogh.3035>